

*O chefe de polícia tinha uma missão:  
encontrar os monstros  
que assassinaram seu amigo*

# A vingança do caçador de máfiosos

Por CHRISTOPHER MATTHEWS

**E**M 23 DE MAIO de 1992, às 17h55, um cortejo de três automóveis com luzes azuis piscando seguia velozmente pela estrada que leva do aeroporto de Punta Raisi à capital siciliana de Palermo. No carro da frente havia três guarda-costas armados de pistolas e submetralhadoras. Mais dois seguiam no terceiro veículo. No Fiat blindado escoltado pelos dois carros ia o famoso magistrado italiano que desestruturou a Máfia, o juiz Giovanni Falcone, acompanhado da mulher, Francesca.

Fora dos limites do município de Capaci, entre colinas à direita e o Mediterrâneo azul à esquerda, 100 quilos de potentes explosivos com-

primidos dentro de um cano de esgoto sob a rodovia detonaram com a força “de um vulcão em erupção”, como descreveria uma testemunha.

O veículo da frente foi lançado para um olival a 50 metros da rodovia. O carro de Falcone partiu-se ao meio, o capô enterrando-se na terra escaldante. Os únicos sobreviventes foram o motorista de Falcone e os dois policiais no terceiro automóvel.

Pouco depois, o telefone tocou

FOTO: © EGLIO PAONI/CONTRASTO/KATZ





em um escritório no último andar de um prédio do século 15, outrora o convento de Santa Priscilla, em Roma. Gianni De Gennaro, chefe de operações da Direzione Investigativa Antimafia (DIA), órgão com efetivo de 1.500 homens dedicados exclusivamente a investigações sobre a Máfia, empalideceu ao ser informado do homicídio de Falcone. Durante onze anos, os dois homens haviam empreendido uma batalha

**Sem Perdão**— Restos do carro do juiz Falcone após a explosão.

sem tréguas contra a vasta organização criminosa que, da Itália, se estende aos mais remotos confins da terra. Os dois também se tinham tornado grandes amigos. Agora a Máfia havia revidado e De Gennaro não tinha dúvidas sobre qual era sua obrigação.

— Vou pegar o verme que fez isso

— jurou —, ainda que seja a última coisa que eu faça.

De Gennaro sempre soube o que desejava fazer na vida. Apesar de o pai ser juiz e todos os tios, advogados, a fria abstração da lei não o atraía. Precisava estar mais próximo da ação. Depois de se formar em Direito em Roma, fez um curso de nove meses na polícia.

Logo após a formatura, foi designado para uma tranquila delegacia de polícia vizinha à Via Veneto. Embora o crime organizado ou atos violentos fossem praticamente inexistentes no bairro, o jovem policial não tardou a desvendar uma misteriosa série de furtos de jóias em hotéis. De Gennaro chamou a atenção de Fernando Masone, chefe da equipe de atiradores de elite de

Roma (e hoje o principal policial da Itália), que o colocou como encarregado da divisão de entorpecentes. De Gennaro desvendou praticamente todos os casos que lhe foram designados entre 1977 e 1981, apertando o cerco ao tráfico de heroína que, da Sicília, espalhava-se para toda a Itália.

Ganhou, também, o apelido de *Tubarão*. Trata-se em parte de um tributo ao seu faro de investigador. Mas há outro significado, mais so-

turno. De Gennaro, assim como algumas espécies de tubarão, precisa estar sempre em movimento — caso contrário, morre. Já escapou de diversas tentativas de assassinato.

Ele e Falcone trabalharam juntos na famosa “Conexão Pizza”, em meados de 1980, que colocou atrás das grades mais de 500 dos grandes

nomes da Máfia, de ambos os lados do Atlântico.

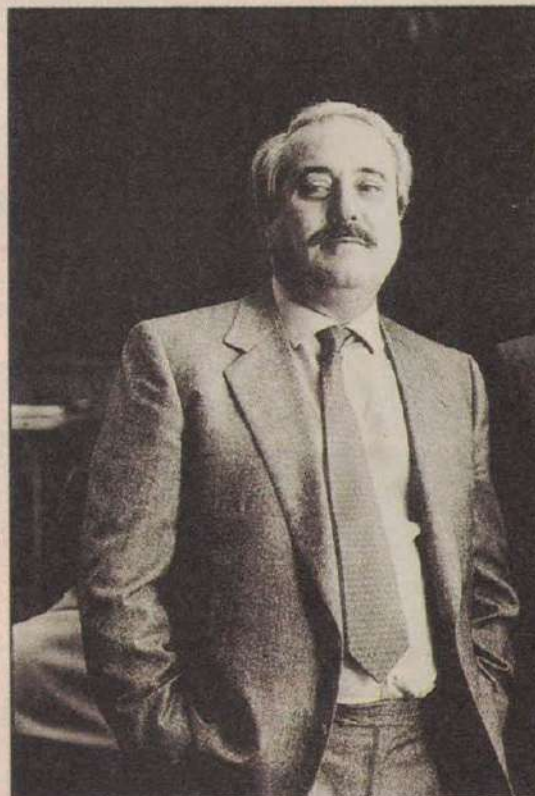
A proeza mais espetacular do *Tubarão* foi ajudar a obter a confissão de Tommaso Buscetta, mafioso de alto escalão preso no Brasil em 1983, para onde havia fugido de uma sentença de morte decretada pelo chefe da Máfia, Toto Riina.

Falcone arquitetou a complexa investigação e subsequentes processos

criminais com a ajuda da confissão de Buscetta. Os principais líderes da Máfia receberam 19 penas de prisão perpétua. Mais de 400 outros mafiosos foram condenados a um total de 5 mil anos de prisão.

Falcone havia desfechado um golpe quase mortal na Máfia. Para De Gennaro não havia qualquer sombra de dúvida de que a morte do juiz fora, em parte, um ato de vingança.

Três meses após a morte de Fal-



**Cruzada**— O esforço de Falcone lhe custou a vida.

cone, no entanto, De Gennaro permanecia sem qualquer pista sobre a autoria do crime. Então, em agosto de 1992, Giuseppe “Pino” Marchese, outro mafioso de alto escalão, enviou-lhe uma mensagem da prisão de segurança máxima na ilha de Pianosa, onde cumpria duas penas por homicídio.

Marchese, afilhado e antigo braço direito de Toto Riina, desejava atuar como testemunha do Estado, em parte na esperança de uma redução em suas penas. De Gennaro sabia que o assassinato de Falcone só poderia ter sido *encomendado* pela cúpula da Máfia, chefiada por Riina. Estava convicto de que uma confissão de Marchese seria uma mina de ouro de informações.

Ao ser interrogado, porém, Marchese negou categoricamente qualquer conhecimento a respeito do assassinato de Falcone. De Gennaro o pressionou.

– Onde está Riina?

– Não sei – insistiu Marchese. – Mas posso lhe dizer quem sabe. Procure Nino Gioè.

Gioè era o chefe do clã Altofonte, fixado próximo a Palermo. Depois de vários meses sob vigilância, foi visto em companhia de Gioacchino La Barbera, mais tarde identificado como comparsa mafioso de Gioè. Em três noites sucessivas de fevereiro de 1993, a dupla entrou num alto edifício de apartamentos na Via Ughetti, em Palermo, de onde

saiu apenas na manhã seguinte. De Gennaro contava com um par de câmeras de TV em miniatura escondidas para observar todos os que entravam e saíam do edifício.

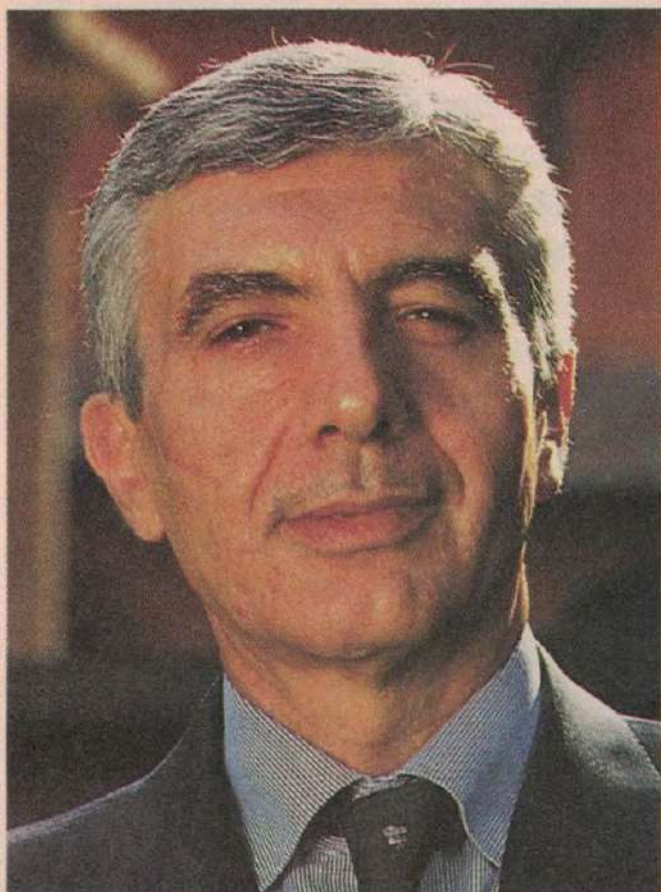
Mas em qual apartamento ele estaria? Foram necessárias várias noites para que os observadores pudessem determinar quais as luzes que se acendiam depois que a dupla entrava no edifício. Antes que De Gennaro pudesse prosseguir, precisava conhecer um importante detalhe. Disfarçado de testemunha-de-jeová, um

Três meses após a morte de Falcone, De Gennaro **permanecia sem qualquer pista** sobre a autoria do crime.

jovem membro da equipe de investigação foi enviado certa manhã para divulgar a Escritura entre os vizinhos de Gioè. Na maioria das vezes bateram-lhe a porta na cara – mas ele conseguiu dar uma boa olhada na fechadura da porta de Gioè.

De Gennaro agora enfrentava um dilema. Escutar as conversas particulares dos mafiosos seria um golpe sem precedentes, fornecedor de informações inestimáveis. No entanto, se fossem apanhados instalando os grampos, a oportunidade de pegar os assassinos de Falcone estaria perdida. Mas a recompensa era grande demais para que não assumissem o risco.

– Quero o lugar grampeado de alto a baixo – determinou De Gennaro.



### Obsessão— De Gennaro perseguiu sem medo os assassinos.

A instalação dos grampos foi ensaiada várias vezes. Nos treinos, os homens de De Gennaro conseguiram entrar e sair em oito minutos, incluindo o tempo de limpeza minuciosa para eliminar qualquer pista. Mas, para estarem realmente seguros, foi decidido que precisariam de um período de meia hora. Tiveram essa oportunidade certa manhã de março, quando Gioè e La Barbera foram de carro para o campo.

Dois dos homens de De Gennaro os seguiram a distância segura, prontos para alertar a equipe caso os mafiosos retornassem. Um deles portava um cronômetro. Quando alcançou a marca de 30 minutos, o homem disse pelo celular:

— Vão, vão, vão!

Em segundos os homens de De Gennaro estavam no interior do apartamento. Decidiram que as gavetas das duas mesinhas de cabeceira seriam a localização ideal para os grampos. Um minúsculo orifício foi feito em cada uma e neles os grampos — não maiores do que a ponta de um lápis — foram inseridos. Os orifícios foram tapados e o verniz retocado.

De Gennaro recebia relatórios diários sobre o progresso da operação. O posto policial de escuta foi disfarçado em um *trailer*, aparentemente vazio, estacionado a 500 metros do edifício.

À noite, Gioè e La Barbera falavam freqüentemente sobre mulheres, vangloriando-se de suas infundáveis proezas, mas passavam mais tempo ainda trocando idéias sobre os negócios da Máfia.

Cada palavra pronunciada pelos dois mafiosos era gravada e depois transcrita. Os microfones eram muito sensíveis e conseguiam captar o mais leve som: um sapato arrastando-se pelo piso, uma tosse, uma torneira aberta.

Franco Gratteri, o policial que chefiava a equipe de Palermo, ligou para De Gennaro.

— Acabamos de receber do laboratório um relatório preliminar das fitas gravadas em 9 de março — disse, agitado. — Sabe sobre o que falavam? Do grande trabalho que haviam executado!

— Diga ao laboratório para deixar tudo de lado e preparar a transcrição

completa o mais rápido possível – ordenou De Gennaro.

Dias depois, os grampos registraram outra conversa estarrecedora: Gioè e La Barbera planejando um ataque aos tribunais de Palermo para matar um grupo de guardas.

Temerosos de perder esse tesouro de informações, os homens de De Gennaro desejavam permanecer ali e continuar a gravar. Mas o *Tubarão* foi inflexível.

– Não quero colocar nenhuma vida em risco.

Gioè e La Barbera foram presos.

Gratteri quase pulou da cadeira quando a transcrição completa da fita de 9 de março ficou pronta, no princípio de abril.

– Nós os pegamos – comunicou por telefone a De Gennaro. – Conseguimos apanhá-los! Você não vai acreditar. Aqui está o que Gioè disse: “Ei, você se lembra da garagem... você sabe... em Capaci... no dia em que fizemos aquele grande trabalho?”

– Eles fizeram o serviço com o Falcone? Foram eles?

– Isso mesmo, está comprovado. Verifiquei duas vezes os registros telefônicos. Estavam utilizando os celulares entre 17h49 e 17h54 no dia 23 de maio do ano passado.

Era o dia em que Falcone tinha

sido morto. Às 17h56. Quando o magistrado deixou o aeroporto, La Barbera meteu-se no trânsito, informando Gioè pelo celular que Falcone estava a caminho. Enquanto Falcone, numa velocidade de cerca de 150 km/h, aproximava-se de Capaci e da cabana abandonada onde Gioè e os outros assassinos se escondiam, La Barbera deve ter dito algumas palavras cruciais confirmando que o alvo estava entrando no campo visual.

O *Tubarão* e seus homens tinham agora provas suficientes para condenar os assassinos de Falcone e colocá-los na cadeia para o resto da vida. Sua promessa tinha sido cumprida. De Gennaro se permitiu um sorriso, porém carregado de tristeza.

– Giovanni, Francesca – murmurou ele. – Descansem em paz.

*Nino Gioè cometeu suicídio na cadeia enquanto aguardava julgamento. La Barbera tornou-se testemunha do Estado e forneceu detalhes de como Toto Riina, preso em janeiro de 1993 por outros crimes da Máfia, havia ‘encomendado’ a explosão que matou Falcone. Marchese foi libertado e colocado em um programa de proteção a testemunhas. De Gennaro é hoje subchefe da polícia italiana.*

## REAÇÃO EM CADEIA

– Como sua mulher reage quando você prevê tempo bom mas chove no fim de semana? – perguntei a um meteorologista.

– Ela não fica zangada – respondeu ele. – Apenas cria uma frente fria.

– CHARLES PULSIPHER, EUA